**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – SP**

FERNANDA MIYUKI KAWAI E VITÓRIA FAGUNDES

**CADERNETA SOCIOLÍNGUÍSTICA**

São Paulo

2017

**Fernanda Miyuki Kawai e Vitória Fagundes**

**CADERNETA SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho acadêmico para apresentação na disciplina Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa I, da Universidade de São Paulo (USP), necessário para conclusão do curso de Letras.

Orientadora: Marli de Quadros Leite.

**SÃO PAULO**

**2017**

**Sumário**

[Introdução 4](#_Toc485391581)

[Variações encontradas na variedade brasileira do português: 5](#_Toc485391582)

[Uso do termo *alhures* 5](#_Toc485391583)

[*De* minha mãe 6](#_Toc485391584)

[Variação fonológica: *ôto* 7](#_Toc485391585)

[Variação de concordância: *nós vai* 9](#_Toc485391586)

[Variação semântica: *Lambeno* 10](#_Toc485391587)

[Conclusão 11](#_Toc485391588)

[Referências Bibliográficas 12](#_Toc485391589)

**Introdução**

Este trabalho possui como principal objetivo expor variações encontradas pelas alunas na variedade brasileira do português, tanto em seus aspectos fonológicos, sintáticos e morfológicos, quanto de léxico, segundo orientações da professora Marli Quadros, responsável pela disciplina de Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa I.

**Variações encontradas na variedade brasileira do português:**

## 

## **Uso do termo *alhures***

Segundo o livro *De onde vêm as palavras* (2009), de Deonísio da Silva, acredita-se que o termo *alhures*, utilizado para se referir a situações em que o indivíduo está meio distraído, “em outro lugar” ou “fora de si”, tenha surgido da forma provençal *alhurs,* embora sua real origem não esteja confirmada*.* Ele foi pronunciado pela jovem Aimê Martins de 17 anos, nascida em São José dos Campos (estado de São Paulo):

Tá tudo bem, pai? Cê tava meio *alhures*.

[falado na cidade de São Paulo, em situação informal com seu pai e sua amiga, estudante de Letras, no dia 4 de Junho às 15h aproximadamente]

Este uso dá-se tanto por influência de sua mãe quanto de sua avó, o que comprova tratar-se de um termo mais antigo, utilizado geralmente por pessoas mais velhas.

Apesar do uso do vocábulo de acordo com seus significados dicionarizados (segundo a versão *online* do dicionário *Michaelis*, *alhures* representaria *em outro lugar, em alguma outra parte*) e deste estar inserido no seu dia a dia, percebe-se que ele não é utilizado por nenhuma outra pessoa da mesma idade e, até mesmo, por nenhum outro indivíduo do seu convívio salvo seus familiares já mencionados. Desta forma, pode-se afirmar que este uso trata-se praticamente de um caso de idioleto, já que fica restrito a apenas uma pessoa.

Observando-se a língua atualmente, é possível dizer que este termo foi simplificado por gírias, como “estar em outra”, “estar viajando” ou “não estar nem aí”, que, estas sim, são mais proferidas tanto por jovens quanto por pessoas de mais idade. O uso do termo “aéreo” no lugar de *alhures* também verifica-se mais frequente na fala corrente.

Assim, este exemplo também prova que a língua, como aspecto vivo da sociedade, varia com o passar do tempo, sendo que, ao decorrer das gerações, termos que antes eram usados muito frequentemente vão perdendo força à medida que outros passam a ter mais poder na fala corrente, o que caracteriza a mudança linguística propriamente dita.

## ***De* minha mãe**

Ana Luísa, jovem de 17 anos, nascida na Bahia e vivendo na cidade de São Paulo há 5 anos, faz uso, em sua fala corrente, do *de* no lugar onde comumente, levando em consideração o dialeto paulista, ficaria o *da*, em situações para indicar a posse, por exemplo. Um exemplo de expressão em que isso é aplicado é:

Estou com o celular *de* minha mãe agora

[pronunciado no dia 16 de maio em São Paulo por volta das 14h, na presença de sua amiga estudante de Letras]

Uma possível explicação para esta “supressão” do artigo empregado junto à preposição *de* encontra-se no fato de que os baianos, comumente, em seu dialeto, possuem o costume de omitir o artigo definido antes de nomes próprios, com o intuito de tornar a fala mais íntima e menos “artificial”. Um exemplo é o emprego de “João foi ao dentista” em lugar de “O João foi ao dentista”, como é usualmente dito em outras regiões do país. Assim, de maneira análoga, o artigo normalmente justaposto a preposições também seria eliminado neste processo.

Vale ressaltar que o dialeto baiano, lugar onde foi estabelecida a primeira capital brasileira pelos portugueses, é vista como o primeiro considerado realmente brasileiro e sofre muita influência do país colonizador, sendo que os colonizadores, de acordo com Silva Neto (1976, p. 235) citado por Dercir Pedro de Oliveira (2008, p. 93), “vinham de diversas partes de Portugal, de modo que refletiam as várias peculiaridades dialetais portuguesas”. Além dele, outros países também contribuíram para este processo, como África e Holanda, citando apenas os principais.

Conclui-se, assim, que se trata de um caso de variação diatópica no campo morfológico da língua portuguesa.

## **Variação fonológica: *ôto***

Em sua casa, Jaci Lopes, de 52 anos, nascido em Nova Fátima, Paraná, e morador do estado de São Paulo há 30 anos, pronuncia, em uma conversa informal com sua família na hora do jantar, o termo “ôto” ao invés de “outro”.

Filha:

- Troca (o garfo) pra mim, por favor?

Trocando o garfo, e colocando outro sobre a mesa, Jaci responde:

- O *ôto* (vou) deixa aqui pra você pegar.

[pronunciado no dia 11 de junho em Carapicuíba, São Paulo, por volta das 21h, na presença de sua filha e esposa]

Percebe-se, dessa forma, uma variação diatópica e fonológica, sendo que esta pode ser encontrada como um dos fatos fonéticos apontados em *Conservação e Inovação de Português no Brasil* (CUNHA, 1986, p. 211). Neste processo, chamado de monotongação, o ditongo [oᵚ] se reduz em [o], fato que já podia ser observado no português de Portugal e comum também aos dialetos de Damão, Goa, Ceilão, Macau, Cabo Verde e Guiné, como apresentado em *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história* (ABRAÇADO, RONCARATI (Orgs); 2008, p. 95).

Pode-se identificar, também, outro processo fonético na omissão do /r/ no encontro consonantal /tr/ na última sílaba.

Na tarde do dia seguinte, houve uma ocorrência similar do mesmo fenômeno, quando sua filha chega da faculdade e Jaci pergunta se está tudo bem:

- Fia, tá tudo joia?

[pronunciado no dia 12 de junho na cidade de Carapicuíba, São Paulo, por volta das 16h, dirigindo-se a sua filha]

Nota-se que, ao invés de dizer “filha”, pronuncia “fia”, omitindo o encontro consonantal /lh/; Esta mudança fonética é o que se chama de *ieísmo*, em que há uma transição da consoante palatal [ʎ] para [y], formando expressões como: trabaiá (trabalhar), paiaço (palhaço), moio (molho) etc. Ela é apontada por Celso Cunha (1986, p.210) em *Conservação e Inovação de Português no Brasil*, como um dos aspectos fonéticos inovadores no Brasil, sendo que muitos estudiosos consideram ser uma difusão generalizante na fala popular brasileira.

Observa-se, também, que, ao se referir a “está”, realiza uma aférese, em que há perda da sílaba inicial [es].

Além da possibilidade de tal ocorrência, o termo “outro” pode, muitas vezes, na fala corrente, ser pronunciado como “otro”, apenas com a omissão da vogal [u], diferindo-se, da mesma maneira, da forma prevista pela tradição escrita.

## **Variação de concordância: *nós vai***

Em uma manhã de terça-feira, duas mulheres, que aparentavam ter por volta de 37 anos de idade, conversavam em um trem, no qual havia muitas pessoas, pois era horário de pico, em que muitos saíam para trabalhar ou estudar.

Nesta conversa informal, pressume-se que já possuíssem algum vínculo íntimo, de amizade ou familiar, pois comentavam algo do conhecimento de ambas, que iriam realizar juntas. Na fala de uma das mulheres, pode-se perceber uma variação sintática e diafásica, quando diz:

-Amanhã, nóis que *vai* levar o bolo.

[pronunciado no dia 13 de junho, próximo à cidade de Osasco, São Paulo, por volta das 7h, na presença dos passageiros do trem]

Observa-se que há variação de concordância na flexão do verbo “ir” no futuro do presente do indicativo em que, ao invés de flexionar o verbo concordando com a primeira pessoa do plural, “nós”, dizendo “Amanhã, nós que *iremos* levar o bolo”, como prevê a norma padrão, flexiona o verbo “ir” na terceira pessoal do singular: “Amanhã, nóis que *vai* levar o bolo”. Uma possível justificativa para este fato seria a relação feita entre a expressão “a gente” e “nós”, já que, apesar de apresentarem o mesmo sentido, aquele requer a conjugação verbal na terceira pessoa do singular.

Pode-se dizer, assim, que tanto esta variação quanto a do “ôto” marcam a fala popular da língua, já que se diferem do que prevê a tradição, que, segundo Marli Quadros em seu texto *Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística* (2005, p. 188), “é aquilo que já se realizou e teoricamente sempre se realizará no grupo social”. Entretanto, tem-se conhecimento de que, na realidade, esta tradição está constantemente sofrendo mudanças e inovando-se por essas variações feitas inconscientemente no ato da fala. Dessa forma, do mesmo modo que os indivíduos “obedecem sem sentir” (idem) a tradição, também seguem “sem sentir” as variações que a fala apresenta.

## **Variação semântica: *Lambeno***

Em uma conversa familiar, Márcia Lopes, de aproximadamente 40 anos de idade, moradora da cidade de Ribeirão do Pinhal, Paraná, expressa sua opinião quanto a um comentário de seu irmão sobre relacionamentos sociais, ao fato de falar mal ou não das pessoas e de respeitá-las.

- Não precisa ser sem educação com usoto né?! Mas igual esse negócio aí, de ficar *lambeno* usoto; usoto achar que é mais que a gente [...] Iiih meu fio, passa longe de mim, perde viagem [...].

[pronunciada no dia 15 de junho, aproximadamente às 15h, na região de Ribeirão do Pinhal, Paraná, na presença dos pais, irmãos, noras e sobrinhos]

Nesta transcrição, além das variações fonológicas que foram descritas nos exemplos anteriores, percebe-se, também, uma variação de aspecto semântico, quando Márcia diz “lambeno”. Pode-se constatar que, ao se referir à palavra “lambendo”, há uma perda de seu significado denotativo, que seria o ato de “passar a língua sobre alguma coisa”, passando a significar o de bajular, ou de “puxar o saco” de outra pessoa. Observa-se, também, que nesta expressão há a redução do grupo consonantal *-ndo* no final da palavra, um dos aspectos fonético-fonológicos apresentados no artigo *Culto versus popular: interpretações* (LEITE, p. 14).

**Conclusão**

Conclui-se que, na fala popular brasileira, e até mesmo em alguns pontos da fala culta, pode-se encontrar um vasto campo para inovações e variações linguísticas de mesmo peso entre si, o que demonstra a diversidade e flexibilidade da língua. Assim, termos que antes poderiam ser frequentemente utilizados podem cair em desuso de acordo com a comunidade linguística, do mesmo modo que um vocábulo que surge em apenas um usuário pode tanto tornar-se parte da fala cotidiana de todos e, até mesmo, ser incorporado à língua escrita, quanto ficar restrito somente a ele.

É possível afirmar, portanto, que estas mudanças se fazem constantemente presentes ao longo do tempo, mesmo que os indivíduos não percebam, justamente pelo fato de que a língua é um mecanismo fortemente ligado ao ser humano, utilizado para sua comunicação, fazendo, desta forma, com que a língua seja viva.

**Referências Bibliográficas**

CUNHA, Celso. **Conservação e inovação no português do brasil**. 1986. P. 210 e 211.

DA SILVA, Dionísio. **De onde vêm as palavras**. 16° ed. Editora Novo Século, 2009.

DA SILVA, Luís Antônio (Org.). **A língua que falamos**. In. Marli Quadros Leite. Variação Linguística: dialetos, registros e norma linguística. Editora Globo Livros, 2005, p. 188.

LEITE, Marli Quadros. **Culto versus popular: interpretações.**

RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história.** In. DE OLIVEIRA, Dercir Pedro; Editora 7 Letras, 2008, p. 93 e 95.